

**Carlos Eduardo Rebello de Mendonça**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ORCID:0000-0002-4846-9882

Email:

[carloseduardorebellodemendonca@gmail.com](mailto:carloseduardorebellodemendonca@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

**O Ontem sobre o qual me inclino:  
Nação e Povo na América Latina através da obra de Paulo Francis**

*The Yesterday over which I bend:  
Nation and People in Latin America through  
Paulo Francis' work*

*El ayer sobre el cual me inclino:  
Nación y Pueblo en Latinoamérica por medio  
de la obra de Paulo Francis*

REBELLO DE MENDONÇA, C. E. O Ontem sobre o qual me inclino: Nação e Povo na América Latina através da obra de Paulo Francis. Revista Eco-Pós, v. 25, n. 2, p.359-379. <https://doi.org/10.29146/ecops.v25i2.27743>

## RESUMO

Este texto busca, através de um exercício memorialístico, analisar alguns textos do jornalista/*enfant terrible* Paulo Francis (1930-1997) como expressão da cisão entre Nação e Povo no discurso político dos intelectuais ligados ao projeto populista no Brasil e na América Latina.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Paulo Francis; Sociologia dos Intelectuais; Populismo Latino-americano.*

## ABSTRACT

This paper uses a personal memoir in order to analyze some opinion pieces by maverick Brazilian journalist Paulo Francis (1930-1997) with a view to discuss the divide between the national and the popular proper to Latin-American populist discourse.

**KEYWORDS:** *Paulo Francis; Sociology of Intellectuals; Latin-American Populism.*

## Resumen

Este trabajo busca, mediante un ejercicio memorialesco, analizar unos textos del periodista y “niño terrible” brasileño Paulo Francis (1930-1997), así que se pueda en ellos estudiar las causas de la división entre Nación y Pueblo propia a los intelectuales cercanos al proyecto político populista en Brasil y en Latinoamérica.

**PALABRAS CLAVE:** *Paulo Francis; Sociología de los intelectuales; Populismo latinoamericano.*

Submetido em 30 de Agosto de 2021

Aceito em 28 de Março de 2022

## Introdução: é possível pensar em linchamento?

“Você insiste em se iludir sobre a natureza da tempestade que vem por aí.  
E vem. E é de merda” (Francis, 1979, pg. 45)

Escrever sobre Paulo Francis academicamente é algo tão complicado – dado o caráter duvidoso do objeto - que exige uma metodologia experimental e, sobretudo, estabelecer sua *relevância*. Werneck Sodré, em suas memórias, fala sobre tal figura de intelectual “público” e diletante através dum expoente de gera o anterior, Oswald de Andrade, que soubera tirar do contato com as novidades artísticas europeias dos anos 1920 o mesmo partido que Francis tiraria do seu contato com a crítica literária americana dos anos 1950: o de um capital intelectual empregado “não na tarefa de elaborar uma obra literária, mas [...] de manter-se em evidência na vida literária”. Tal confusão entre meios e fins fez com que, em ambos os casos, a *persona* do indivíduo – “atos, fatos, episódios, anedotas” (Sodré, 1970, p.35) – tomasse um peso desproporcional em rela o   obra incompleta e falha. Com o passar do tempo, a lenda dos dois foi caindo no esquecimento – com a

Dossiê O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Como es Públicas

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27743

agravante, no caso de Francis, da mudança tecnológica haver invertido o (*pace* Michel Temer) *verba volant, scripta manent*; os escritos jornalísticos pré-1980 correram para o esquecimento das hemerotecas e os canais do *YouTube* preservaram, à vista de todos, as tiradas racistas, misóginas e reacionárias.

“Resgatar” Paulo Francis – ou ao menos entendê-lo – exige resgatar seus referentes, sua ambiência própria; daí eu começar com uma tentativa de narrativa literária de caráter memorialístico.

Como leitor das produções de Francis entre as décadas de 1960 e 1980, minha relação com vários destes escritos é proustiana: lembro-me, em vários casos, das circunstâncias exatas em que os li pela primeira vez, o que os torna uma espécie de *petit four* molhado na chávena de chá que traz consigo o mergulho na memória. Tal é o caso do artigo publicado na Folha de S. Paulo de 27 de maio de 1983, intitulado “É possível pensar em linchamento”.

Era uma agradável manhã de outono no Rio de Janeiro quando, chegando à secretaria do IEI/UFRJ, onde era aluno de mestrado, e a secretária não tendo ainda chegado, dispus-me a ler o artigo em voz alta para uma colega que também estava ali. Era um comentário sobre uma *cause célèbre* da época, o feminicídio de uma senhora da classe média alta de Belo Horizonte pelo marido, condenado pelo júri a pena tão reduzida que havia resultado em libertação. Francis não perdeu tempo em opinar: o primeiro parágrafo era um brevíssimo nariz de cera – “Acho [pena de morte] barbárie. Mas uma barbárie às vezes ‘legal’ é o linchamento num momento de fúria de certos tipos e os portadores de certa mentalidade no Brasil”. O segundo parágrafo era uma descrição sumária, seguida do comentário: “[o condenado] é um animal e outros animais no júri o absolveram. O advogado dele se chama Ariosvaldo. Não conheço ninguém com esse nome ridículo e não quero conhecer [sic]”.

Seguia-se uma diatribe em que o jornalista, expatriado em Nova Iorque, expressava sua alienação da sociedade de origem – “isso é gente? Serei eu brasileiro? Falo a língua mas tenho minhas dúvidas [sic]” –, expandia-se em comentários negativos sobre o processo penal brasileiro, que tinha por inviável – “o Brasil [...] não tem maturidade para ter sistema de júri. O povo é analfabeto ou tão tolhido por preconceitos medievais que simplesmente deveria ser júri apenas de futebol [...]” – e fazia

um julgamento definitivo: “quem são esses jurados? De que terreiro [sic] saíram? Que ralé é essa que infesta a terra?”<sup>1</sup>

Seguiam-se considerações adicionais sobre Ariosvaldo (“inacreditável não só que alguém tenha esse nome, mas que tendo o dito não o tenha mudado”), e sua atividade de causídico, que atuava na defesa doutro caso de feminicídio, de um arquiteto paisagista (“deve ser de alguma caverna”) que havia matado a mulher por não haver abandonado o uso de minissaia uma vez casada, o que dava a Francis oportunidade para expandir-se em considerações sobre processo civilizatório à Elias: “como diriam minhas amigas, o pobre diabo ainda ‘vai de coxas’, é tão desinformado de mulher que acha coxas excitantes [sic - tratava-se de um *bon mot* recorrente sobre uma amiga de Francis que teria se exilado após ser assediada pelo militar que tinha recolhido seu depoimento num Inquérito Policial Militar (IPM) da ditadura, ao qual ela havia comparecido de minissaia]”. Considerações “elisianas” estas seguidas por outras à maneira de Foucault: “sexo cai de interesse proporcionalmente à civilização (Roma dos Antoninos [sic] é um exemplo clássico<sup>2</sup>)”. Ao fim, uma consideração mais próxima no espaço/tempo: “Nelson Rodrigues é um agudo realista e não um fantasista. A gente à beira do capim [sic] que ele descreve é o protótipo [sic] do brasileiro”.

Ao terminar de ler, fechei o jornal – e me vi olhando para um casal de colegas, ouvindo da parte masculina do mesmo o comentário: “esse já se vendeu para a CIA faz tempo...”, seguido pelo juízo de que “todo pensamento reacionário se faz sobre essa divisão: elite e ralé – para justificar os lençóis de seda da elite...”. A namorada acrescentou: “o que ele quer? Que o tal advogado se chamasse Harry Oswald [sic]?” Ao que a auditora original retrucou que o artigo não estava ruim, apenas dever-se-ia levar em conta o ter sido escrito “por quem ganha a vida *sacaneando os outros*. [sic]”

<sup>1</sup> Cf.

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8419&anchor=4190701&origem=busca&originURL=&pd=bc57b2bbf9231e8bc2e995717ea1b617> Acesso em 27/07/2021.

<sup>2</sup> Exemplo da técnica argumentativa de Francis, onde o “chute” permitia colocar a imaginação no lugar da informação. Diz Paul Veyne: a moral cívica da Roma Republicana colocava a vida privada em segundo plano em relação à vida pública, o que fazia com que a adoção fosse, em certas circunstâncias políticas, preferível à paternidade biológica *reconhecida*. Na Roma Imperial do século II, no entanto, essa moral criava problemas sérios: exatamente por ser um ato supostamente racional, a adoção mal calculada do herdeiro do trono era um prenúncio de guerra civil (Daí um Trajano ter adiado a sua sucessão a ponto desta ter sido resolvida, ao que tudo indica, postumamente). Daí que um estoico como Marco Aurélio tenha encontrado vantagem em se casar com a filha do predecessor, garantindo a ascensão sem problemas, e subsequentemente ter nove filhos com a esposa legítima para garantir a sua sucessão futura – o que não parece uma demonstração de desinteresse sexual (cf. Paul Veyne, 1990, pp. 48 e 27). E seria Marco Aurélio (Antonino) que acabaria por dar nome *retrospectivamente* à sua dinastia... Resumindo, para os romanos da época imperial, era melhor “um filho mal engendrado do que um estranho mal escolhido” (Plínio o Jovem, *apud* Veyne, 2005, pg. 18). Dois dos predecessores de Marco Aurélio, Trajano e Adriano, aliás, não passaram à posteridade como sexualmente indiferentes – só que suas inclinações pessoais não tinham consequências reprodutivas.

## 1. O intelectual como moralista

De fato: um dos papéis mais tradicionais do intelectual era *moralizar*, e um dos modos para tal era via *potin e fait divers*: “para mostrar o seu engenho e provar deferência, [quem] admoestava uma cidade frequentemente afetava ocupar-se de um pecadilho, que era, no entanto, um sintoma de um vício mais geral” (Veyne, 2005, p. 217) – como São Paulo diante do Areópago de Atenas (Atos 17:22), falando da devoção dos atenienses ao “Deus desconhecido” para censurar seu temor supersticioso (δεισιδαιμονεστέρους, de *deisidaimonía*) e predispor-los a aceitar o Evangelho. Ainda em 1923, Trotsky se daria ao trabalho de dirigir-se a jornalistas para lembrar que a imprensa soviética *deveria* ocupar-se deste tipo de acontecimentos – “brilhantes fragmentos da vida vivida” – de preferência a produzir artigos abstratos censurando os valores familiares da pequeno-burguesia (Trotsky, 2004, pg.157). E o artigo de Francis é, no seu gênero, bem escrito (“gente à beira do capim” é expressivo e conciso). O problema não é a forma mas o conteúdo.

Outro “achado” é a ênfase no prenome do advogado, “Ariosvaldo” – até pouco, num país que já contou na política com a família Rosado e seus membros numerados em francês. Tal é um tropo oratório respeitável: no século I da nossa era, Díon Crisóstomo fazia um discurso censurando a prática então corrente em Rodes de trocar o nome de estátuas comemorativas erguidas a gregos ilustres para oferecê-las como homenagens aos governadores romanos, o que o orador considerava uma demonstração de subserviência que permitia ao poder romano não apenas tomar o nome de uma estátua, mas tirar violentamente (λαβόντος, aoristo de λαμβάνω, “tomar”, “apanhar com a mão”) dos helenos sua identidade (χαρακτήρα, “caráter”) própria, a memória dos seus grandes homens (D.Chr. 31.47.). O bárbaro que macaqueia a civilização, de fato a degrada. Gente “do terreiro” não deveria pretender chamar-se “Henry Oswald” ou “Susan” – porque os nomes que lhe cabem são Benedito e Benedita<sup>3</sup>?

Não se trata de metáfora: em artigo escrito semanas depois de “É possível pensar...”, Paulo Francis respondia a um acadêmico americano - que fizera uma crítica de seus romances apontando

---

<sup>3</sup> Mudar o nome das coisas é mudar a sua natureza: Maquiavel descobre a separação entre o mundo Antigo e o Medieval quando escreve: “os homens, que se chamavam César e Pompeu, tornaram-se Pedro, João e Mateus” (História de Florença, I, 5: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb000894.pdf> Acesso 27 de julho de 2021.

o uso de vocabulário racista por parte dos personagens principais – considerando que “é assim [sic] que falam os membros da classe social [dos personagens]. Ninguém fala, em particular, como redator da Lei Afonso Arinos [...] é a minha experiência [sic], não posso [sic] escrever diferente”<sup>4</sup>. Como diria Caetano Veloso – que tinha se engajado, durante o mesmo 1983, numa treta com Francis –, quem se diz de Esquerda e se autoriza a usar tal vocabulário está “acenando pela última vez para quem chora com frases como ‘adular os privilegiados’. Dois anos depois ele saudava [Roberto] Campos como um guerreiro”<sup>5</sup>.

Num trecho de Bernardo Kucinski sobre os artigos de Francis (principalmente os derradeiros, quando ele tinha terminado sua conversão em “escriva de aluguel e personalidade de *show business*”) ele pergunta como foi possível que “textos de tão baixo nível estilístico e ético tenham sido aquinhoados com espaço tão grande em jornais respeitáveis” (Kucinski, 1998, pp. 94 e 86). Deutscher, diante de caso semelhante (as apreciações infladas quanto ao valor intelectual do 1984 de Orwell), recorre a uma analogia com o Livro I d’*O Capital* e sua teoria do Valor: assim como o Valor é uma quantidade de trabalho abstrata *socialmente aceita*, o valor da obra (sub)literária é a expressão da *demand social* por uma arma ideológica, tão real como as físicas. No entanto, uma bomba atômica tem um uso que é uma expressão da intenção objetiva do seu criador; uma obra pode ser usada “sem levar muito em consideração as intenções do seu autor” (Deutscher, 1955, p. 35). A Extrema Direita atual apropriou-se de Francis e das suas diatribes como fetiche, desconsiderando certas características suas que eram, para o próprio Francis, fundamentais, como o caráter *elitista e secular* do seu reacionarismo – tais características estando muito em evidência no texto de que tratamos.

A pequeno-burguesia elevada ao protagonismo político pelos projetos bonapartistas e reformistas do século XX na América Latina o fez dentro dos limites do Desenvolvimento Desigual e

---

<sup>4</sup> Folha de S. Paulo, 11/06/1983, artigo “O dia dos leitores”. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitord?numero=8434&keyword=Mann%2CHesse&anchor=4187246&origem=busca&originURL=&pd=89782207b4c49b18b1e6a7b9eb2d2de5> Acesso 27/7/2021. O acadêmico americano era o professor da Universidade Estadual de San Diego Malcolm Silverman.

<sup>5</sup> Retirado do blog do compositor baiano (sem atribuição de data) e disponível em: <https://musicaemprosa.wordpress.com/2020/01/13/caetano-paje-doce-e-maltrapilho-a-polemica-caetano-x-paulo-francis/>. Acesso em 27/07/2021. O artigo sobre “o guerreiro Roberto Campos” – originalmente publicado em 9/02/1985 – está reproduzido em Francis, 2012, pp. 206-209. O tzar das finanças da ditadura era cioso de reverter opiniões desfavoráveis na mídia, como se vê em episódio semelhante narrado por Sodré, 1994, pp. 200/201.

Combinado, i.e., de uma economia capitalista “enquadrada” por relações sociais pré-capitalistas; recebeu a cidadania, portanto, como se fora um *privilégio* obtido por nascimento ou por mérito...

## 2. Nação e/ou Povo

Um trabalho da historiadora Florencia Mallon refere-se à “pré-história” do populismo latino-americano por meio de um caso: no México liberal e anticlerical de 1870, um juiz municipal, diante de uma comunidade indígena que relutava em pagar uma taxa de um *real* (moeda divisionária; oito *reales* perfaziam um peso) anual por contribuinte para a manutenção da escola primária local, argumentou que, se a população estava disposta a pagar cotização de um peso para a construção de uma igreja, não se justificava a recusa a pagar a construção “do mais augusto dos templos, o da Ciência” (Mallon, 1995, p. 291)... A historiadora americana – diante deste e doutros casos – considera que, sob a aparência da oposição entre “Religião” e “Ciência”, “Esclarecimento” e “preconceitos medievais” – como expressos na linguagem “elevada” das autoridades (o juiz municipal era ele mesmo analfabeto, apenas assinando o nome) – jazia outra questão:

“Da perspectiva [dos camponeses] o discurso da civilização superior e do esclarecimento, as justificativas na linha do ‘é para o seu próprio bem’ [...] podiam ser tudo, menos libertadoras. [...] Tais discursos [...] poderiam facilmente transformar os intelectuais que os abraçavam em agentes da autoridade, pura e simplesmente [;] agentes de vigilância [...] [Já] sugeri que as lutas em torno da Revolução Liberal [no México] ajudaram a criar toda espécie de discursos racistas e de controle social [...] que justificavam a repressão dos movimentos sociais agrários. O que foi feito através da ‘alterização’ [*othering*] da população rural – a identificação dos camponeses indígenas com a ignorância, a superstição, a predisposição à violência [...] Devido à grande população indígena, a Democracia foi equiparada ao derramamento de sangue e ao massacre” (Mallon, 1995, p. 293-294).

No Brasil, as questões e problemas específicos eram – são – diversos; a “frase” é outra; mas os “termos gramaticais” são os mesmos: pequenos burgueses convertidos em intelectuais, improvisados como agentes de controle autoritário das massas “alterizadas” – por via de raça, cultura, linguagem – que convertem diferença em hierarquia; na publicação original de “pode-se pensar...”, o artigo inclui um desenho da ilustradora usual de Francis, Mariza Dias Costa, onde “ariosvaldo” é representado como um homem de armas medieval com couraça, alabarda e elmo, e

cabeça reptiliana com presas de javali – mas vestindo bermudas, calçando um único tênis, e tomando água de coco com canudo num coco que é ao mesmo tempo um crânio... tal um *lumpen* vestido de farrapos.

Ou Caetano Veloso? Um mês após a diatribe contra “ariosvaldo”, Francis escreveria sua até hoje conhecida crônica em que tratava o compositor baiano como “pajé maltrapilho” e símbolo “[da] miséria raquítica do baiano e interiorano brasileiro, para efeito de mero consumo visual, enquanto [...] acaricia as fantasias de amor ilimitado que fazem o narcisismo da classe média confortável no Brasil” (Francis, 2012, pg.167). Aí se vê qual o público ao qual nosso Díon de Prusa se dirige: a pequeno-burguesia brasileira que ele exorta a tornar-se digna de si mesma, abraçar a distinção, a autodisciplina e a Ilustração; se para o sofista grego da era romana o Homem começava no notável municipal (Veyne, 2005, p.243), para Francis o Brasileiro começava na “classe média” tida por letrada da Zona Sul carioca dos anos 1950 e 1960, onde “o pensamento criador fluía livre, *nos limites da classe média*, resguardados [ambos?] por um clima de liberdade” (Francis, 1980, p.67). Tal é um exemplo do que Marx chamava “robinsonada”: tomar o indivíduo “não como resultado da História, mas como seu ponto de partida” (Marx, 1981, p.83) – quando “Ipanema” era resultado de um processo político histórico – a ascensão do Bonapartismo varguista.

Roberto Schwarz, falando sobre tal época, lembra quantos “tesouros de bestice rural e urbana” estavam por trás deste verniz ilustrado, que racharia até antes de 1964 – “petições contra divórcio, reforma agrária e comunização do clero [...] o ‘Terço em Família’, rosário bélico para encorajar os generais” (Schwarz, 2001, p.21). Só que tais “tesouros” encontravam-se mesmo entre “evoluídos”: em 1970/1971, Millôr Fernandes, na chefia da redação d’*O Pasquim* ameaçado de estrangulamento pela ditadura no auge da fúria repressiva, dirigiu uma campanha localista e racista contra Caetano Veloso e a “invasão dos baiunos [sic]”<sup>6</sup> ao Rio. Francis, na década seguinte, enquanto lançava raios do Olimpo nova-iorquino contra “ariosvaldos” e caetanos, escrevia um artigo em que esbanjava “conhecimentos” psicanalíticos: a recusa da maternidade é uma “reação neurótica”; o

---

<sup>6</sup> Cf. Veloso, <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/memorias/caetano-veloso/>. Acesso em 28 de julho de 2021.

jovenzinho que “embicha” [sic] tem que ter sua neurose “exposta”; “Freud e companheiros [...] notaram que todos os animais copulam com fêmeas e fêmeas com machos [sic]”<sup>7</sup>.

*Obiter dictum* de Caetano: há quem se ache nova-iorquino... para escrever na *Folha de S. Paulo* e aparecer na TV Globo “com a cara espichada de uma filha de Fu Manchu”<sup>8</sup>. A questão que deu origem a este trabalho foi deslocada: não se trata de saber quando e como Paulo Francis “deixou” de ser de Esquerda – mas de saber quando e como ele *pôde ser considerado* tal...

Lembra Mallon que a Nação, como comunidade previamente definida, integrada, dotada de território, língua e cultura, ser tida por dado universal da História Moderna é apenas uma expressão do poder ideológico do capitalismo e imperialismo europeus; na América Latina, o Estado Nacional seria notável pela *ausência*. Um Estado onde o corpo político da Sociedade não coincide com a população não pode ser “nacional”; e tal é a realidade histórica concreta latino-americana, onde não só o que é “Popular” não é necessariamente “Nacional”, como o “Nacional” é frequente e militantemente *antipopular*. Os generais da ditadura descreviam contestações ao seu mando como obra de “maus brasileiros”. E vimos Francis indagando retoricamente se os “ariosvaldos” seriam “gente” e sujeitos de direitos fora das rodas de bola.

Mallon, cujo interesse primário era o Peru, afirma a *inexistência* do Estado Nacional no país andino; ao incorporar o México à sua análise comparativa, ela arrisca dizer que a *participação ativa* da população indígena nas Revoluções de 1855 e 1910 chegou a prover o país de um Estado Nacional funcional - sob a hegemonia autoritária do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Mas ela acrescenta: não se pode negar que grupos subalternos em *todas* as sociedades latino-americanas tenham participado ativamente da formação dos seus estados “nacionais”; mas nunca *no interior de uma coalizão política hegemônica* (Mallon, 1995, pp. 4/5); algo que o PT talvez tenha chegado a fazer, mas de maneira incompleta, “pelo topo”. Tal participação do subalterno se fez como *repousoir*, como representação discursiva daquilo que a Nação *não* deveria preservar...

*Tantae molis erat Romanam condere gentem* - “Tamanha era a tarefa de criar o povo romano!” (Eneida, I.33). Mas a Roma de Virgílio não era um estado nacional, e sim uma comunidade cívica. E,

---

<sup>7</sup> Artigo “O sexo de consumo e a geração das crianças eternas”, *Folha de S. Paulo*, 2/06/1983, disponível em <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8425&anchor=4184427&origem=busca&originURL=&pd=1feeb61ac9b0987d35ae8a2e718c0993>. Acesso em 28/07/2021.

<sup>8</sup> Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=JB45FCApJ9A>. Acesso em 28/07/2021.

numa América Latina onde o subalterno (e superexplorado) não ascende à cidadania ativa, cria-se um vácuo que o intelectual pequeno-burguês se apressa a preencher, falando *para* as massas ao pensar falar *por* elas. Especialmente quando tal intelectual pretende “formar”, “educar” e “civilizar”.

### 3. O Grande Medo

Um dos traços de Francis sobre o qual a Extrema Direita atual silencia é seu ateísmo, sua rejeição do “babalaô” (termo *passpartout* que lhe permitia ser racionalista e racista numa palavra só) que lhe autorizava mimosear dissidentes soviéticos do tipo de Soljenitsin com epítetos como “macumbeiros” [sic] e produtores de “tralha beatífica” (Francis, 2016, pp. 82-83).

Tal o punha fora do campo da Direita mais romântica, passadista e tradicional (e, na América Latina, tal tradição ou seria falsificada ou far-se-ia em favor dos nativos). Ele pretendia (mesmo quando declaradamente de Esquerda) apresentar-se como representante da *Modernidade* – principalmente a *econômica*. Que nada entendesse do assunto fora chavões neoliberais não fazia diferença; bastava-lhe colocar-se por “riqueza e empregos”, na linha “os burgueses são burgueses no interesse da classe trabalhadora”. Que a acumulação capitalista seja *concorrencial e destrutiva*, nem lhe ocorria – e nem se tratava da questão em pauta: bastava apresentar-se como arauto da prosperidade para colocar a oposição no campo “da miséria, do atraso, da estagnação” (Francis, 2012, p.207).

O que remete a outro caso e outra sociedade: Federico Neiburg descreve o episódio da antropóloga americana Julie Taylor, da Rice University, que foi à Argentina dos anos 1970 fazer uma pesquisa sobre “mitos de Eva Perón”, começando seu trabalho de campo em meios operários – onde *nada* descobriu; ali, Evita era uma recordação histórica distante. Daí o *tour de force* subsequente da pesquisa:

“a imagem mítica [de Evita] existia de fato [como] objeto de apaixonados debates e contendas teóricas, mas os agentes sociais interessados [...] eram, na realidade, integrantes das classes médias que construía uma imagem especular de suas próprias representações, atribuindo-as às camadas populares” (Neiburg, 1997, p. 116).

Neiburg generaliza o achado de Taylor: a constituição do “peronismo” como significante foi obra *dos intelectuais antiperonistas*, que, após a “Revolução Libertadora” de 1955, empurrariam tal significante para o campo das teratologias políticas. Tal processo complexo e intelectualmente sofisticado não pode ser tratado aqui; basta dizer que tal complexidade e sofisticação eram produto do grau de desenvolvimento mais elevado da Argentina dos anos 1950; mas o rebuscado da “melodia” não oculta que as “notas” são as mesmas.

Quando Neiburg e Grimson se debruçam sobre a referência histórica comum a toda representação do peronismo – o “Dia da Lealdade” de 17/10/1945<sup>9</sup> – coincidem em dizer que esta representação depende da posição política de quem representa: “quanta gente estava reunida na Plaza de Mayo para pedir a liberdade de Perón? [...] Quem se mobilizou? [...] Foi a classe operária da Grande Buenos Aires ‘consciente dos seus direitos’, ou uma minoria de *lumpens* desocupados?” (Neiburg, 1997, p.108). Grimson aponta para a *irreduzibilidade* do acontecimento a uma representação esquemática – e.g. imigrantes internos *paisanos* de consciência política rudimentar, peronistas *estrafalarios* (mal ajambrados, em mangas de camisa)<sup>10</sup> vs. “velha aristocracia operária, enquadrada há décadas em núcleos organizados e bem preparados [sic]” (Zanatta, 2009, p.23) – quando de fato a classe operária argentina *concreta* de 1945 era mais heterogênea e mestiçada – e sua adesão ao projeto peronista mais transversal do que identitária (Grimson, 2016, p.22). Tais diferenças iriam adquirir potência *ex post*, como forma do bloco antiperonista demarcar-se politicamente como “europeu” e civilizado”.

*Estrafalario, paisano*, por mais que sejam termos empíricos, no discurso político do país platino acabaram com a mesma qualidade de significante de “ariosvaldo”... E quem é “ariosvaldo”? Ariosvaldo era um advogado especializado em defender feminicidas da “*classe média*” alta brasileira dos anos 1980, exemplos representativos de machismo “tóxico” do qual eram *também* exemplos Francis e os membros (todos homens) da sua roda ipanemenha (Millôr Fernandes: “o melhor movimento feminino ainda é o dos quadris”<sup>11</sup>). O artigo de Francis, pelo uso da retórica

<sup>9</sup> Descrição de Grimson: “El 17 de octubre de 1945 los trabajadores de los suburbios ingresaron a la ciudad de Buenos Aires y marcharon a Plaza de Mayo a reclamar la libertad del coronel Perón. Con aquel episodio estalló el sistema de clasificaciones sociales de la Argentina” (Grimson, 2016, p.1).

<sup>10</sup>Cf. Grimson, 2016, pg.13. Um articulista da época falava em *Candombe blanco* (*Candombe* no sentido de ritmo musical carnavalesco, próximo a “macumba” na pena de Paulo Francis).

<sup>11</sup> Cf. Cíntia Lima Crescêncio, “Movimentos de quadris e movimentos feministas: Millôr e feminismo (1968-1982)”, Revista História: Debates E Tendências, 12(2), 238-259. <https://doi.org/10.5335/hdtv.12n.2.3069> Acesso 19 de agosto de 2021. A frase

pretensamente indignada, desloca o centro do episódio dos feminicídios em si para a sentença escandalosa, e a responsabilidade principal, do advogado (e do Ministério Público e juiz, sequer mencionados) para o júri (sobre cuja composição e origem nada é dito) – júri este então equiparado às classes populares em geral: a “ralé” que “infesta a terra”.

É o Grande Medo das classes dominantes pós-coloniais de todo o continente americano [por exemplo, Jefferson afirma: “quando penso que Deus é justo, tremo pelo meu país” – (*apud* Jordan, 1974, p. 169)] – desde a Revolução Haitiana: o mito do “Ragnarok”, das massas de famélicos tomando a ponte do arco-íris e invadindo o Valhalla. No caso Francis, é a conversão de “Lula” (pois Vargas, até em 1954, jamais chegou a dividir a sociedade brasileira como Perón a argentina) de nome próprio em significante. Numa das suas produções mais sórdidas (publicada com chamada de primeira página), ele oporia o Brasil do “lugar” “em que não se lê jornal [...] mas só se fala ao telefone com quem sabe das coisas”, ao Brasil no qual “com Lula, seriam porteiros abertas. O cangaço [sic] se tornaria nacional [...] As classes produtoras [sic] se defenderiam. Entropia. Sudão [sic]”. O Brasil de “lula” – i.e., dos “de baixo” – seria assim como um *não-lugar*, um “século XIX mental” cujos habitantes teria acabado “se acostumando e raciocinando nos termos dessa bobagem tamanho família” (Francis, 2012, p. 329 e 335). Assistir no *YouTube*, hoje, a qualquer performance televisiva de Francis, é perceber que há muito o Rei está nu. E por que se demorou tanto a perceber?

#### 4. O 17 de Outubro de Luiza Erundina.

Um dos achados do Mariátegui do *Sete Ensaios...* foi perceber, contra a “Lenda Negra”, que a colonização espanhola foi *minimalista*: apoiou-se sobre as relações sociais existentes, enquadrou-as nas instituições jurídicas do Feudalismo europeu, acrescentou onde necessário instituições escravistas – e colocou este todo estamental a serviço da acumulação mercantil (Mariátegui, 2010, pp.34/35). *Todas* as sociedades coloniais americanas constituíram-se a partir de tais amálgamas – se bem foi na América Latina que tal lógica do Desenvolvimento Desigual e Combinado foi mais visível. Em sociedade assim constituída, a posição do pequeno-burguês, de si mesma contraditória,

---

é menos grosseira que os comentários nostálgicos de Francis sobre “orgias” juvenis em que o corpo feminino era “provado[sic] no café, almoço, jantar e ceia”, que faz *pendant* com o Francis de 57 anos, em Nova Orleans para cobrir a convenção do Partido Republicano, referindo-se a uma locutora americana com um “iamm, iamm, auau”. (Cf. Francis, 1980, p. 78; 2016, p. 341).

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27743

é complicada pela sua posição estamental de *agregado*, que ora adula o “de cima”, ora explode em ressentimentos e rancores. Mas a disposição espontânea do pequeno-burguês é sempre a de querer parar a roda da História – disposição para a qual ele voltará na falta de formação política consciente.

Tivesse Paulo Francis se contentado em ser um *escritor* que desse expressão artística à (de)formação política de sua classe<sup>12</sup>, ele seria uma personagem talvez menos repelente aos olhos da posteridade; na escala da América Latina, ele não chegaria ao nível de um Borges, Nelson Rodrigues, ou Vargas Llosa<sup>13</sup>; poderia ter alcançado seu colega e amigo Millôr Fernandes – e estaria de bom tamanho. Mas, por uma combinação de necessidade contingente (a Última Hora de 1962 precisava de um colunista com *punch* para opor a Lacerda), desejo de reconhecimento, *aura sacra fames*, expatriamento e alienação do Brasil do colunista – mais a crescente mediocridade intelectual da mídia brasileira, o que o tornava incontrollável – ele travestiu-se em *pensador político*, o que o levaria da farsa à tragédia.

Uma das peças mais sórdidas escritas por Francis – mais que seu ataque meditado a Lula em 1989 – foi o “comentário” intempestivo à vitória inesperada de Luiza Erundina, pelo PT, na eleição à Prefeitura de São Paulo em 1988. Eleição que foi um marco na ascensão do PT dentro do sistema partidário pós-1985 e impôs uma derrota *direta* ao malufismo (Maluf e Erundina disputavam a sucessão de Jânio Quadros) – ao Maluf que Francis estava adulando desde 1985, juntamente com Roberto Campos...

A peça *ex post*<sup>14</sup> começa com um imenso nariz de cera (o autor foi descobrindo o que dizer escrevendo...): considerações superficiais sobre a abertura “tragédia e farsa” do *18 Brumário*, uma equiparação absurda do *putsch* da Aliança Nacional Libertadora (ANL) de 1935 com a política ultraesquerdista do Stalin do “Terceiro Período” – quando na verdade se tratava de uma “clássica

---

<sup>12</sup> É Sodré que fornece dois paralelos *ex ante*, na figura de Azevedo Amaral - em quem, já antes de converter-se em ideólogo do Estado Novo, havia “o germe transparente do direitista que viria a ser e que existe [...] em muitos esquerdistas da pequeno-burguesia, particularmente os mais radicais” (Sodré, 1970, p.115) – e de Oliveira Viana, no qual “os dotes de escritor representavam apenas a forma, aliás superior, mas o conteúdo era suprido de outras fontes e estas não eram superiores” (Sodré, 1970, p. 205).

<sup>13</sup> Há uma entrevista teratológica de Francis ao *Roda Viva* da TV Cultura de S. Paulo, em 1994 (disponível no *YouTube*, <https://www.youtube.com/watch?v=a-4ZiAMyMaQ> Acesso 30/07/2021) em que ele gasta o primeiro segmento conclamando o então presidente Itamar Franco a assumir o manto de (Alberto) Fujimori e dar um autogolpe...

<sup>14</sup> Peça esta, de 19 de novembro de 1988, que atende pelo título sórdido (com uma insinuação pornográfica) “Êta, Éruudiina, Arrêta”, <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10422&anchor=4167206&origem=busca&originURL=&pd=86223ab3a4c6ebaf73565877f8646705>. Acesso em 30/07/2021.

conspirata de quartel” (Abramo e Karepovs, 2015, pp. 248/249) – uma enfiada de tropos de almanaque marxista, culminando na descrição do PT como “caricatura absurda” - do PCB?! O que não impede o autor de no parágrafo seguinte chamar Erundina de “blanquista”, comparar conselhos populares consultivos com soviets, falar na ineficiência do “estatismo”, na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Petrobrás, e daí por diante. Eventualmente, PF consegue emitir um argumento mais “sólido”, algo *real e seu*: o racismo. Ele lembra que o Presidente era um maranhense, “que nos reduz progressivamente ao seu sertão mental [sic]” e que, com Erundina, a cidade de São Paulo, “capital da Bel da Belíndia”<sup>15</sup>, seria invadida por uma “Índia” de desocupados. A estes ele recomenda fosse aplicada a militarização do trabalho de Trotsky, que teria proposto aplicar na Rússia soviética a “Lei Taylor” americana (na verdade, uma lei do *Estado* de Nova Iorque), “que proíbe greve aos funcionários públicos” (e que é de 1967, vinte e sete anos após a morte de Trotsky)<sup>16</sup>. Segue-se uma vaga de neoliberalismo simplório, concluída por incitação ao golpe (“Ao primeiro tiro, sai todo mundo correndo”).

De real, aqui, existe o fato de que o horizonte mental de Francis era o das elites portenhas de 17/10/1945, ou de um novo-rico de uma Miraflores qualquer reclamando da “indiada” vendendo ervas numa qualquer Plaza de Armas. Mas importa chamar atenção para as referências – supostamente históricas e eruditas – em que ele encaixa seu “argumento”. Estas, quando não falsas (Lei Taylor) ou absurdas (1935), não são históricas; são *tipologias* que obrigam os atores a “cumprilas”, tal Cristo no Evangelho de São Mateus (“fez isso para que se cumprissem as escrituras”). Ora, a Revolução Russa não é uma escritura, e sim um acontecimento histórico. Ela tem traços representativos em comum com outras revoluções socialistas do século XX, permitindo estabelecer um tipo ideal weberiano. E existe uma contradição objetiva no Capitalismo que impulsiona estes processos revolucionários. Mas tais traços – e tal contradição – não implicam em *necessidade objetiva* quanto aos traços próprios de processos *futuros*: o que os bolcheviques fizeram nada nos permite dizer de certo sobre o que revolucionários hipotéticos farão ou não (menos ainda Erundina). Trotsky,

---

<sup>15</sup> Expressão cunhada pelo economista (PSDBista) Edmar Bacha, que negligencia o caráter *combinado* de todo desenvolvimento *desigual*.

<sup>16</sup> O texto (comentado) da lei – *Public Employees' Fair Employment Act* – encontra-se no site do governo estadual de Nova Iorque, <https://goer.ny.gov/new-york-state-public-employees-fair-employment-act-taylor-law>. Acesso em 21/08/2021.

no final da vida, lembrava aos seus amigos mexicanos que sua principal tarefa como revolucionários era a de terminar a obra – de Emiliano Zapata (Trotsky, 2009, p. 136).

A psicanalista Maria Rita Kehl, à época, colocou o dedo na ferida do mistifório franciano, em que o racismo fazia par com a ideia da História como *repetição*: “equivaler duas coisas diferentes a partir de um traço de semelhança aparente é coisa de crianças na fase dos três, quatro anos [...] A brutalidade de suas afirmações [...] visa *paralisar* o pensamento do leitor”<sup>17</sup>. Mas tentemos responder à pergunta inicial: a relevância de se debruçar sobre personagem tão deplorável...

### Conclusão: limites, fim e superação

Tratamos de um *ideólogo* transitando do campo da Radicalidade democrática para o da Reação mais obscura, com facilidade que nos diz muito sobre os limites da institucionalidade democrática e da vida intelectual dos anos 1960, idealizadas até hoje; na figura de Francis, percebe-se o quanto a base de classe desta política e cultura era *limitada*, o quanto ela jamais enfrentou o problema da cisão entre o Nacional e o Popular, o quanto ela não só nada tinha a dizer ao Popular, mas que reagiu agressivamente à entrada das massas populares na esfera pública a partir dos anos 1970, com a urbanização e a favelização do país.

Temos como ponto de partida uma dinâmica familiar ao Marxismo mais ortodoxo – ou mesmo a uma Sociologia do Desenvolvimento – pela qual, por força de uma Necessidade histórica objetiva, uma classe exerce as funções de outra: diante da Burguesia dependente e do Proletariado subalternizado, a pequeno-burguesia radicalizada abalança-se a realizar as tarefas históricas que lhe são postas pela Modernidade e o desenvolvimento das forças produtivas como “garantia da evolução natural da sociedade burguesa em direção ao socialismo” (Habermas, 1990, p. 64). A crítica da ordem estabelecida encontraria, em si e no tempo presente, “nos agentes sociais que dentro dele se movem, os potenciais e possíveis sujeitos da emancipação prometida pela modernidade” (Domingues, 2011, pg.1). Só que quando, por força desta mesma Necessidade, as massas populares

---

<sup>17</sup> Kehl, “Francis, o acusador éruundiito”, Folha de S. Paulo, 24/11/1988. Disponível em <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10427&anchor=4170191&origem=busca&originURL=&pd=f87acb392a941caaf3caa3288a9b36a5> Acesso 30/07/2021. Grifo meu.

antes subalternizadas penetram a Esfera Pública<sup>18</sup> – aí são os mesmos pequeno-burgueses “esclarecidos” que lhes negam entrada, em nome, ainda, de uma Modernidade convertida em Tradição (“Paulo Francis acha que ter ido morar em Nova York é uma categoria de pensamento”, dizia Kehl).

O problema está na natureza mesmo do projeto político populista, que se faz, para suas lideranças, sobre o fio da navalha: estas lideranças necessitam, para pressionar o sistema oligárquico de forma convincente, mobilizar as massas, incorporá-las ao novo sistema político; mas ao fazê-lo, abrem caminho para que estas massas expressem suas insatisfações próprias, soltem as próprias mãos, e que eventualmente “submerjam” a sua liderança pequeno-burguesa, “peguem-na com a mão” e lhe tomem o “caráter”, privando-a da sua cultura e identidade próprias (Ianni, 1989, p. 39; Weffort, 1980, p. 163). Daí a repulsa, o nojo mesmo, com que estas lideranças reagem à proximidade do “Outro” sempre que este parece estar próximo demais. O que mostra o quanto a hierarquia de identidades, longe de se contrapor à de classes, a *redobra*, já que, mesmo sob o Populismo, a maior parte do Popular não chega a ser, efetivamente, nacional e sujeito de direitos. É a tal cisão Nação/Povo, expressão de uma sociedade burguesa e estamental, que explica a razão de o racismo, no Brasil como na América Latina em geral, estar na origem do nosso pensamento social: em Euclides, o racismo evolucionista de inspiração spenceriana é a “calha” para onde a reflexão do autor sempre retorna (Moura, 1964, *passim*); e basta lembrar a antítese entre Civilização e Barbárie em Sarmiento.

Tal evolução histórico-empírica, ajudada por uma *prosopografia*, explica boa parte das características da personagem em tela. A arrogância estúpida de PF (“Já contei o número de pessoas cuja opinião intelectual respeito no Brasil. É dúzia de livreiro, 13. O resto é ralé” – Francis, 1980, p. 96), sua grosseria e versatilidade moral, seu cuidado em evitar situações públicas em que pudesse ser contestado e em mitificar a si mesmo (Kucinski, 1998, p. 83) – são próprias a toda uma geração. O projeto político populista exigia a constituição de burocracias públicas e privadas das quais a antiga ordem oligárquica não necessitava<sup>19</sup>; ao demandar intelectuais de novo tipo, o populismo

<sup>18</sup> Pois não se trata aí de um simples “neotradicionalismo modernizado” oriundo de “outras fontes civilizacionais” (Domingues, 2013, pg. 26). A “indiada” de uma cidade andina atual não é uma simples “indiada”; é uma “indiada” *urbanizada* - e geralmente hispanófono. Sobre esta conversão do subalterno de objeto de atenção paternalista em ameaça, ver Moura, 2021.

<sup>19</sup> Francis, que sempre foi reconhecido a Samuel Wainer, lembrava que o fundador da Última Hora havia criado um novo tipo de jornalismo adaptado às exigências da política de massa: “fez um jornal de grande circulação, com [ingredientes popularescos] e

tinha de *improvisar, supor* capacidades onde estas não existiam ou eram insuficientes (a Academia oligárquica não tinha como prover tais competências no ritmo e qualidade necessários). Surgiam disfuncionalidades: a concorrência *pessoal*, tanto mais amarga pois não formalizada<sup>20</sup>. Tudo acompanhado pelo medo de perder lugar para os que subiam “de baixo”. Daí o cultivo de esnobismos *fake* e de preconceitos como “barreiras à entrada”, a blasonaria e o clima de vale tudo admitidos como necessários: as “recortagens” e “chutes” de PF, escandalosos hoje<sup>21</sup>, eram ignorados nos anos 1960<sup>22</sup>. O cinismo *blasé* simmeliano era exigência da “vida do espírito”.

Inclusive porque não se tratava apenas uma exigência imaterial: o intelectual pequeno-burguês, não dispondo dos recursos materiais das duas classes entre as quais está ensanduichado – nem os meios de produção da Burguesia, nem os números das classes populares – necessita valorizar seus próprios recursos, inclusive porque depende de ser acreditado para poder agir. O que explica a tragédia, no sentido estrito, que foi a conclusão da vida da nossa personagem, condizente a um antigo ator e crítico teatral.

Aristóteles estabeleceu (*Poética*, 1453<sup>a</sup>) que a tragédia descreve um indivíduo *comum* que prepara sua perda por um ato *usual*, uma simples “falta” (*ἀμαρτία*; alternativamente, um *pecado*) que dispara consequências imprevistas. Em 1997, PF deu um dos seus costumeiros golpes de mão, fazendo uma acusação pública e sem prova alguma contra toda a diretoria de uma estatal – o que visava colocá-lo, mesmo que aparentemente, na posição de portador de influência informal, de “conselheiro secreto” do governo Fernando Henrique Cardoso. Posição que um governo convencionalmente conservador e neoliberal, apoiado em arranjos de poder formais com o

---

com coisa séria do lado [...] A grande imprensa, antes de Wainer, tinha uma pequena circulação, dirigida a uma elite. Ele mudou isso” (Francis, 2016, p. 319).

<sup>20</sup> O próprio Francis tinha consciência disso, falando da sua entrada no jornalismo dos anos JK: “todos os postos ocupados; não, claro, as *funções*” (Francis, 1980, p. 115).

<sup>21</sup> Logo depois da morte de Francis, seu amigo e colega Jânio de Freitas escreveu que desistira de adverti-lo para possíveis consequências dos seus insultos, já que o amigo encarnara um “personagem” “que, por ser personagem, podia fantasiar à vontade, narrando seus voos no *Number One* [...] dos presidentes americanos, relações pessoais que jamais existiram, entrevistas que não aconteceram, leituras que não se concluíram ou nem começaram, mas nem por isso deixavam de merecer avaliações definitivas.” (“Os dois Paulo Francis”, Folha de S. Paulo, 5/02/1997, disponível em

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=13421&anchor=259148&origem=busca&originURL=&pd=fb32db78dd93795bc37936c2fa8c39a7>. Acesso em 01/08/2021.

<sup>22</sup> Nos anos 1980, o físico Rogério César Cerqueira Leite escreveu: “É difícil debater com Paulo Francis [...] É um digno êmulo de Maluf [sic]. Confrontado com a citação de dados [...] extraídos da [...] Enciclopédia Britânica, fabrica um telefonema para Washington [com informações “exclusivas”]. Como argumento definitivo a favor da desnacionalização da economia nacional, proclama a minha gordura e a minha fofice” (“Um Bufão em Nova York”, Folha de S. Paulo, 13/11/1986, disponível em

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9685&anchor=4134084&origem=busca&originURL=&pd=0e1b8126a6937b09be6dda029ca210ee>. Acesso em 01/08/2021).

Dossiê O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27743

Congresso e o Capital, *não tinha* necessidade ou interesse em reconhecer. O processo de Modernização burguesa havia-se fechado em neoconservadorismo; o *enfant terrible* tornara-se inoportuno<sup>23</sup> - um *enragé* que tinha ultrapassado seus limites. Seguiu-se um processo e pedido de indenização na justiça americana em que o governo brasileiro deixaria a Justiça seguir seu curso; daí o estresse do desmascaramento possivelmente letal e o esquecimento póstumo. Limites, diz o vate:

*¿Todo ese ayer sobre el cual hoy me inclino?*

*Tan perdido estará como Cartago*

*que con fuego y con sal borró el latino*<sup>24</sup>.

Das ruínas desta Cartago – deste processo de desenvolvimento contraditório – saiu uma sociedade onde “ariosvaldos”, *estrafalarios*, *cholos* e índios – os “Outros” – ascenderam, finalmente, à condição de sujeitos: contestados e reprimidos, mas sujeitos<sup>25</sup>. Estão dentro da Modernidade: nas associações e movimentos sociais, nos vestibulares comunitários... Aqui, um Paulo Francis só se relaciona com o presente enquanto passado. E, neste sentido, *recordá-lo é esquecê-lo* – ou mais exatamente, *superá-lo*: *Aufzuheben*.

### Referências bibliográficas

ABRAMO, F.; KAREPOVS, D. (orgs.) *Na Contracorrente da História: Documentos da Liga Comunista Internacionalista*. São Paulo: Sundermann, 2015.

DEUTSCHER, I. *Heretics and Renegades*. Londres: Hamish Hamilton, 1955.

DOMINGUES, J. “Vicissitudes e Possibilidades da Teoria Crítica Hoje”. *Sociologia & Antropologia*, v. 1, n. 1, Jan-Jun, 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/2238-38752011v1n1> Acesso 19 de ago. de 2021.

---

<sup>23</sup> Em biografia do Ministro das Comunicações e eminência parda do Governo FHC Sérgio Motta, lê-se que quando de uma viagem aos EUA para atrair investidores ao processo de privatização das telecomunicações, ele fora instruído a conversar com Francis “para evitar que ele diga besteira novamente [sic]” (Prata, 1999, p.188).

<sup>24</sup> <https://www.escritas.org/pt/t/50971/limites>. Acesso em 21/08/2021.

<sup>25</sup> A morte prematura de PF em 1997 não nos impede de imaginar facilmente qual seria sua posição diante dos movimentos políticos liderados por Evo Morales e Hugo Chávez – que têm por traço mais saliente o empoderamento de segmentos massivos das suas sociedades que tinham sido alienados pelas lideranças tradicionais do espectro político (cf. Klein, 2011, p. 242).

- \_\_\_\_\_. *Modernidade Global e Civilização Contemporânea*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- FRANCIS, P. *Cabeça de Negro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O afeto que se encerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Diário da Corte*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A Segunda mais antiga profissão do mundo*. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- GRIMSON, A. *Racialidad, etnicidad y clase en los orígenes del peronismo: Argentina 1945*. KLA Working Paper Series, no. 15, 2016.
- HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: D. Quixote, 1990.
- IANNI, O. *A Formação do Estado Populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.
- JORDAN, W. *The White Man's Burden: Historical origins of Racism in the United States*, Nova Iorque: Oxford University Press, 1974.
- KLEIN, H. *A Concise History of Bolivia*. Cambridge U. Press, 2011.
- KUCINSKI, B. *A Síndrome da Antena Parabólica*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MALLON, F. *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru*. Berkley: University of California Press, 1995.
- MARIÁTEGUI, J. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, K. *Grundrisse*, Penguin Books, 1981.
- MOURA, C. *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- \_\_\_\_\_. *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Dandara, 2021.
- NEIBURG, F. *Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- PRATA, J. et alli. *Sergio Motta: o trator em ação*. São Paulo: Geração, 1999.
- SCHWARZ, R. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SODRÉ, N. *Memórias de um Escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- \_\_\_\_\_. *A Fúria de Calibã*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- TROTSKY, L. *Problems of Everyday Life*. Nova Iorque: Pathfinder, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escritos Latino-Americanos*. São Paulo: Iskra, 2009.

VEYNE, P. “O Império Romano”, In: VEYNE, P.; DUBY. (orgs.), *História da Vida Privada-I*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *L'Empire Gréco-Romain*. Paris: Seuil, 2005.

WEFFORT, F. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ZANATTA, L. *Breve Historia Del Peronismo Clásico*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

---

**Carlos Eduardo Rebello de Mendonça** – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Mestre em Economia pelo IEI/UFRJ (1987) e Doutor em Sociologia pelo IUPERJ (1996).  
Professor Titular de Sociologia da UERJ desde 2018. Autor de *Trotsky e a Revolução Permanente* (Garammond/FAPERJ).  
Email: [carloseduardorebellodemendonca@gmail.com](mailto:carloseduardorebellodemendonca@gmail.com)